

Machados de duplo anel

A frequencia com que o machado de bronze munido de duas argolas lateraes apparece na região de Entre-Douro-e-Minho, tem servido para justificar a applicação do designativo especial de machados do *typo do Minho* a estes instrumentos. No congresso archeologico de Lisboa, realizado em 1880, o Sr. Hildebrand suggeriu de facto aquella denominação, com uma extensão de significado, porém, que não me parece rigorosamente exacta, visto que se considerava tal *typo* como collocado no alto da escala dos aperfeiçoamentos que constituem a evolução pre-historica d'estes instrumentos.

Já no *Archeologo Português*, de 1898 (vol. IV, pag. 90), me pareceu que podia pôr embargos a tal qualificação, considerada debaixo do aspecto geographico; mas hoje mais creio que ella merece reforço de embargos, por ser tambem insustentavel a attribuição chronologica d'aquelle illustre congressista.

Segundo o Sr. Montelius, os machados de bronze munidos de argolas ao meio são um desenvolvimento dos de dupla canelura (e já Cartailhac o reconhecia na quadruplices classificação d'estes instrumentos; veja-se *Les âges préhistoriques*, pag. 226), desenvolvimento que, chronologicamente, pertence ao 4.^o periodo da epoca do bronze dos paes celticos (sec. XIII e XII a. C.), ao qual succede outro periodo, que igualmente tem machados caracteristicos da epoca em Portugal (veja-se Cartailhac, *ob. cit.*, pag. 236, figs. 341.^a e 342.^a; e *L'Anthropologie*, 1901, XII, n.^{os} 5 e 6). Na archeologia nacional, porém, a expressão só poderá hoje passar em julgado, se se lhe der o unico valor que pôde ter, isto é, o de significar a frequencia de achados de instrumentos d'este *typo* ao norte do Douro, comparativamente com os que apparecem com a mesma fórma nas outras provincias ou regiões.

Uma das imperfeições da nossa paleoethnologia é a falta de fixidez, propriedade e certeza dos seus termos technicos. Aos machados de bronze (que outros dizem *hachas* de bronze) à *deux anneaux*, à *deux boucles*, tem-se chamado frequentemente *machados de aselha dupla* ou de *duas aselhas*.

O meu reparo é para o termo *aselha*. Os appendices, que guardam a especie de instrumentos de que se trata, tem restrictamente o feitio de aneis ou melhor de argolas; e, se podem merecer genericamente o epitheto de *aselhas*, é pela analogia da sua posição, mas com esquecimento da sua fórma e principalmente da sua funcção.

Portanto qualquer d'estes termos, anel ou argola, parece preferivel a *aselha*. Todavia submetto a critica ao juizo dos mais competentes,

confessando sinceramente que tambem não estou inculpavel da denominação censurada¹.

O instrumento prehistorico de que dou conta neste artigo, provém do concelho de Paredes de Coura, freguesia de Fromariz². É um dos nove que ha annos, por occasião de uma surriba, foram ali encontrados, num falso, debaixo de uma pedra. São pois todos minhotos dos quatro costados.

Repetem-se as condições do achado: era a pacotilha de um fundidor ambulante da região interamnense³. Agora o que é mais digno de nota é que o sitio do achado se chama *Castello*, que é como quem diz *pequeno castro* (Cfr. *Arch. Port.*, 1, 3).

Quanto aos meritos proprios d'aquelle a que me refiro no presente estudo, é dos melhor conservados e sobretudo dos mais formosos que tenho visto, tanto pelos contornos, como pelo tom da pátina millenaria que o cobre. Quasi escusado é dizer que está novinho em folha, tal como devêra ter saído (excepto na temperatura e na côr) do molde do *calderaio*.

¹ Poderia parecer que *aselha* traduzisse melhor *aileron* (*haches à ailerons*), porque *aile* deve ter dado origem a *aileron*, e *asa* a *aselha*. Mas bastará reflectir que *aselha* provém de *asa*, no sentido do latino *ansa*, e não de *asa*, no sentido do latino *ala*, e que *aile*, pelo contrario, procede de *ala*. Os machados à *aileron*, quando forem verificados em Portugal, deverão chamar-se de *alvado aberto*, de *abas*, ou de *pestanas*, porque são estes os termos que exprimem mais naturalmente a fôrma especial do encaixe de taes instrumentos.

Assim tambem, afigura-se-me pouco português dizer-se machados de *talão*, simplesmente porque dispomos do vocabulo *talão*. Mas é preciso notar que tal expressão, na nossa lingua, não corresponde ao francês *talon*, no sentido por via do qual o termo foi applicado a uma determinada fôrma de machados prehistoricos. *Talão*, entre nós, não significa em caso algum *conto* (conto da lança, por exemplo), e foi por *talon* ter na lingua franceza, alem de outras, esta accepção, que foi adoptado em tecnologia prehistorica. Portanto creio que mais acertado será procurar outro caracteristico das *haches à talon*, para obter uma designação portuguesa, e, neste entendimento, a de *machados de caneluras*, ou de *dupla canelura*, em razão das duas meias-canas, ou sulcos semi-cilindricos, que constituem o seu encaixe ou encabamento especial, é talvez mais digna de ser preferida.

² *Fromariz* deriva do genitivo *Flomarici*, nome de homem (*Flomaricus*): vid. *Arch. Port.*, VII, 75 e *Revista Lusitana*, VI, 1.º—O terreno, onde se realizou o descobrimento, pertence ao Ex.º Sr. Conselheiro Miguel Dantas, que se dignou offerecer ao Museu Ethnologico, para deposito, aquelles machados que tem em seu poder, d'esta proveniencia.

³ É possivel que, quando a tradição oral nos refere vagamente achados de *barras de ouro*, se não trate de objectos differentes dos machados de bronze.

A juxtaposição das duas partes do molde não era irreprehensível; revela-o um pequeno desvio no sentido longitudinal que se nota na intersecção do gume. O primeiro afiar do machado saná-lo-hia do defeito. As arestas das duas cannelluras estão nitidas e agudas. São insignificantes as rebarbas. As argolas ou aneis lateraes estão collocadas no mesmo plano do gume e a par do extremo interno das meias-canas, cujo comprimento é de 0^m,08, e ficam portanto a essa distancia da outra extremidade e a 0^m,022 do centro ideal do machado. Adhere-lhe ainda a cabeça de fundição em forma de cone truncado, cujo eixo tem 0^m,039. O comprimento pois do instrumento, como é actualmente, tem 0^m,243; como seria, separado da inutil excrescencia, tinha 0^m,204. A parte que constitue propriamente a lamina tem secção quadrangular junto á base, mas como as arestas ou quinas são cortadas ou chanfradas, resulta de aqui uma porção de prisma octogonal ou oitavado, de faces desiguaes. Não se lhe notam nervuras ou relevos na lamina.

Uma das características d'estes machados, em confronto com outros, era terem o gume pouco desenvolvido, pelo menos antes da martelagem.

O aspecto actual d'este instrumento não é identico em ambas as faces. De um lado, existem pequenas concreções arenosas, depositadas pela agua de infiltração, na canelura e em parte da lamina; do lado opposto não ha sedimentos estranhos, formou-se pelo contrario uma pátina de intenso verde, de grande belleza. Esta diversidade de aspectos indica, creio eu, qual a posição em que o machado se conservou immovel no seio da terra.

A presença do pesado appendice, que corresponde á forma do orificio de entrada do metal em fusão, é considerado argumento de fabrico local; mas esta conclusão não nos inibe de acreditar, até prova em contrario, na introducção do modelo primeiro, do typo fundamental (Cfr. *Age du bronze*, Chantre, II, 154, e veja Evans, pag. 114)¹.

*

Segundo Montelius, como ja disse, teria sido nos seculos XIII e XII a. C. que os machados de dupla canelura adquiriram os aneis ao meio, nos paises propriamente celticos; na peninsula a generalização d'este modelo devia fazer-se posteriormente áquelles seculos, mas até agora os achados feitos em Portugal não revestem caracter chronologico absoluto; quando muito, alguns tê-lo-hão relativo.

¹ E essa introducção teria sido simples facto de importação commercial ou uma phase de immigração ethnica? Não é nova a these, que já teve referencias no Congresso de Bolonha de 1871 (vid. o respectivo *Compte-rendu*).

De facto, para que um achado d'esta natureza tenha significação chronologica absoluta, é indispensavel que, juntamente com os instrumentos de que estou tratando, estejam depositadas outras peças archeologicas de idade conhecida, ou que a especie de jazida seja de epoca certa e determinada, e, em qualquer dos casos, que todos os objectos tenham sido depositados ou abandonados na mesma occasião. Foi d'esta maneira que Montelius chegou a fixar, com o grau de certeza compativel com o assunto, para cada periodo das epocas de bronze e de ferro, os seculos que lhe pertenciam.

O mais importante descobrimento de machados d'este typo de dois aneis creio ser o de S. Martinho de Bougado (Santo-Tirso) em 1888. São 30 exemplares, um dos quaes, apenas, quebrado¹.

Dos achados de que ficou mais precisa informação pode desde já dizer-se que dão quasi todos uma nota commum; é, como este, provirem de castros ou das proximidades. Isto não faz, creio eu, senão recuar a historia e a antiguidade d'estas estações e attestar-lhes extensa duração.

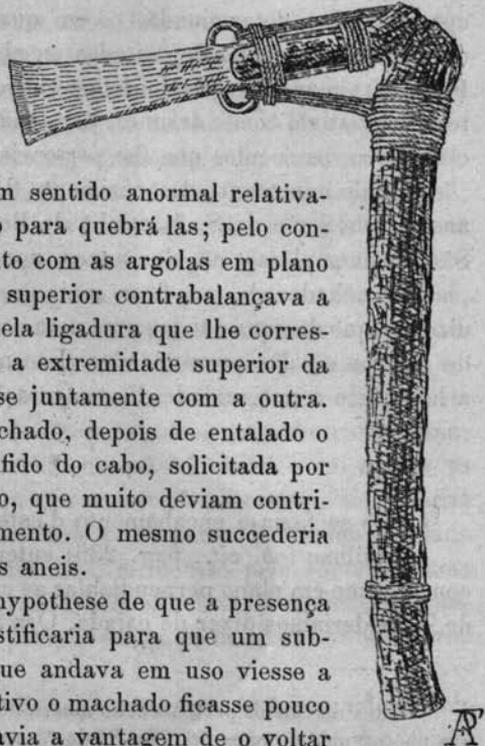
*

Como se fazia o encabamento d'estes machados de duas argolas?

Cartailhac (*ob. cit.*, pag. 236) entende que deviam ser encabados com o gume em plano perpendicular ao cabo e que este devia ter a forma de T, poderíamos dizer de cajado. Ora seja-nos permitido oppor diffe-

¹ Estes machados pertencem ao museu de Guimarães, e é facil reconhecê-los nas phototypias de pags. 56, 72 e 82 do *Numero especial da Revista de Guimarães* dedicado á memoria de Francisco Martins Sarmiento. Segundo informação do meu bom amigo Albano Bellino, ha lá do mesmo typo: 1 do Castro de Villar de Mouros (Caminha); 1 do Monte do Sino em S. Jorge do Sêlho (Guimarães), este partido. De typo diverso ha com um só anel: 1 do Calendario (Famalicão), que mede 0^m,14 de comprimento; 1 de Corvite (Guimarães), com um anel; 1 de Amarante, estreito, com um anel, e 1 de Montalegre, com 0^m,15, liso e sem appendices. É muito interessante o de Sabroso, que parece ser de alvado e dois aneis, e que portanto, segundo Montelius, pertencerá ao 5.º periodo da idade do bronze, isto é, ao ultimo antes do 1.º da idade de ferro ou 1.º da epoca de Halstatt. Informa-me tambem o mesmo meu amigo que de Sabroso tem o museu de Guimarães mais um machadinho (?) com 0^m,05 de comprimento. No *Archeologo Português* estão registados os seguintes machados de argola dupla: I, 26 (Coll. do Sr. M. de Azuaga); II, 271 (Exposição de Vianna do Castello); IV, 88 (achado em Tavora, citam-se ahi mais alguns) e 241 (Ponte do Barca); V, 280 (Torre de D. Chama); VII, 102 (Caminha); VIII, 30 (Arcos de Valdevêz). No Museu Ethnologico Português existem de caneluras é de dois aneis: 3 instrumentos dos Arcos de Valdevêz; 1 de Ponte da Barca; 1 de Sátão; 1 de Castendo. No Museu Municipal do Porto o catalogo de 1902 enumera tres.

rente explicação. Os machados de uma só argola evidentemente deviam ser encabados como actualmente, isto é, com o gume no mesmo plano do cabo. O anel serviria para enfiar um ligamento em diagonal com a haste do cabo (Cartailhac, *ob. cit.*, pag. 226). Mas a presença de dois aneis e de dois ligamentos não me parece indicar o encabamento a modo de enxó¹; a força de tracção nas argolas exercer-se-hia num sentido anormal relativamente á sua posição e proprio para quebrá las; pelo contrario, fazendo-se o encabamento com as argolas em plano vertical, a ligadura da argola superior contrabalançava a tracção exercida na inferior, pela ligadura que lhe correspondia, porque passaria sobre a extremidade superior da haste ou cabo, vindo enrolar-se juntamente com a outra. Ficava assim a lamina do machado, depois de entalado o punho ou espigão no ramo bifido do cabo, solicitada por duas forças em sentido opposto, que muito deviam contribuir para a fixidez do instrumento. O mesmo succederia nos machados de alvado e dois aneis.



Ainda se podia aventar a hypothese de que a presença d'estes dois appendices se justificaria para que um substituísse o outro, quando o que andava em uso viesse a partir-se, sem que por esse motivo o machado ficasse pouco menos que inutilizado, pois havia a vantagem de o voltar para pôr em serviço o anel de reserva, lançando-lhe outra ligadura.

Qualquer d'estas duas explicações me parece preferivel á da enxó, e a primeira preferivel á segunda.

O exemplar do thesouro de Paredes de Coura, de que tenho tratado neste escrito, e que vae chromolithographado, pertence actualmente ao Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Manoel Francisco de Vargas, provado amigo e desvelado protector do Museu Ethnologico Português.

Lisboa, Maio de 1903.

FELIX ALVES PEREIRA.

¹ A circumstancia, que por vezes se possa ter notado em alguns machados, de ser uma das faces do gume mais convexa que a outra, não justifica sufficientemente a denominação de *enxó*. O mesmo acontece com modernos instrumentos de trabalho, cujo gume é paralelo ao cabo. Só significa que esses instrumentos são *esquerdos* ou *dirritos*; a não ser que não signifique cousa nenhuma.



Moraes lit.

J. J. J. J.